

PICHON-RIVIÈRE, A DIALÉTICA E OS GRUPOS OPERATIVOS: IMPLICAÇÕES PARA PESQUISA E INTERVENÇÃO

Thaís Thomé Seni Oliveira Pereira
Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil

RESUMO

Enrique Pichon-Rivière, psiquiatra argentino estudioso dos grupos, trouxe grande contribuição à área. Sua obra constitui um legado valioso para a compreensão sobre a estrutura e o funcionamento dos grupos, bem como para a intervenção no campo grupal, por meio da teoria e da técnica do Grupo Operativo. Este ensaio teórico tem o objetivo de auxiliar na compreensão sobre o modo de Pichon-Rivière pensar a realidade e o funcionamento dos grupos, articulando o uso do conceito *dialética* em sua obra, às ideias de Bornheim e Haguette. Tem também o objetivo de discutir a potencialidade de sua técnica como instrumento de intervenção e estratégia metodológica de pesquisa, utilizando, para isso, publicações recentes de pesquisas que utilizam sua técnica e seu referencial teórico.

Palavras-chave: processos grupais; grupo operativo; intervenção psicológica; pesquisa qualitativa.

PICHON-RIVIÈRE, DIALECTICS AND OPERATIVE GROUPS: IMPLICATIONS FOR RESEARCH AND INTERVENTION

ABSTRACT

Enrique Pichon-Rivière, Argentine psychiatrist, studied groups and their contradictions, bringing great contributions to the groups area. His work is a valuable legacy for understanding the structure and functioning of groups as well as for the intervention in groups, through the theory and technique of the Operative Group. This paper aims to provide elements for understanding how Pichon-Rivière understood reality and functioning of groups, linking the use of the concept "dialectics" in his work to Bornheim and Haguette ideas about dialectics. It also aims to discuss the potential of his technique as an instrument of intervention and methodological strategy of research, analysing recent papers about researches using the Operative Groups theory and technique.

Key words: group processes; operative group; psychological intervention; qualitative research.

PICHON-RIVIÈRE, LA DIALÉCTICA Y LOS GRUPOS OPERATIVOS: IMPLICACIONES PARA LA INVESTIGACIÓN Y LA INTERVENCIÓN

RESUMEN

Enrique Pichon-Rivière, psiquiatra argentino estudioso de los grupos y de sus contradicciones, transitó singularmente por el Psicoanálisis y por la Psicología Social trayéndoles grandes contribuciones. Su obra constituyó un legado valioso para la comprensión sobre la estructura y el funcionamiento de los grupos y para la intervención en el campo grupal, por medio de la teoría y de la técnica del Grupo Operativo. El presente trabajo tiene como objetivo traer elementos para la comprensión del pensamiento de Pichon-Rivière sobre la realidad y el funcionamiento de los grupos, analizando para eso, el uso del concepto de la *dialéctica* en su obra. Tiene también el objetivo de discutir la potencialidad de la técnica de Grupo Operativo como instrumento de intervención y estrategia metodológica de investigación.

Palabras clave: procesos grupales; grupo operativo; intervención psicológica; investigación cualitativa.

INTRODUÇÃO

Enrique J. Pichon-Rivière, psiquiatra suíço que passou a vida na Argentina, nos trouxe grande e original contribuição para compreender os grupos, tendo como pilares epistemológicos a psicanálise e a psicologia social. Além disso, inaugurou, a partir desta compreensão sobre seu funcionamento, uma nova maneira de intervir nos grupos. É, dessa maneira, o criador da teoria e da técnica dos Grupos Operativos (Fabris, 2009).

O presente ensaio teórico tem como objetivo trazer elementos para a compreensão sobre o modo de Pichon-Rivière pensar a realidade e o funcionamento dos grupos, articulando o uso do conceito de *dialética* em sua obra, às ideias de Bornheim e Haguette. Além disso, este trabalho tem também o objetivo de discutir a potencialidade da técnica do Grupo Operativo como instrumento de intervenção e estratégia metodológica de pesquisa, utilizando para isso, publicações recentes de pesquisas que utilizam sua técnica e seu referencial teórico.

Um dos conceitos centrais da obra pichoniana, que traz luz à sua forma de compreender a vida, os grupos e a vida dos grupos é o de *dialética*. Longe da pretensão de realizar uma discussão aprofundada e filosófica sobre o termo, que é antiga e acontece nos corredores desta disciplina entre os famosos filósofos do passado e do presente, busca-se trazer o conceito *dialética*, sua gênese, história, usos e abusos, e principalmente: refletir sobre o valor deste conceito e seu uso para a teoria pichoniana. Sendo assim, a primeira pergunta não poderia ser outra: afinal, o que é a *dialética*? Bornheim traz sua definição: “a dialética seria aquilo que faz possível todo discurso, embora permaneça em si mesma o não dito, algo de refratário a qualquer empenho de explicitação” (Bornheim, 1977, p. 7).

Dialética deriva do termo latim *dialectica* e do grego *dialektike*, que significa discussão. Provém dos prefixos “dia” que indica reciprocidade e de “lêgein” ou “logos” que indicam o verbo e o substantivo do discurso da razão, ou teoria. Nasceu assim,

incorporando as razões do outro através do diálogo (Haguette, 1990). Este foi o primeiro sentido do termo, empregado por Sócrates na Grécia antiga: dialética como a arte do diálogo, de demonstrar uma tese por meio de argumentação capaz de definir e distinguir conceitos envolvidos em uma discussão. Na acepção moderna, porém, *dialética* seria o modo de pensar as contradições da realidade, compreendendo o real como essencialmente contraditório e em permanente transformação (Konder, 1998).

Para nos apropriarmos melhor do conceito, em direção ao seu uso na obra de Pichon-Rivière, é importante trazer outros conceitos-chave tais como: totalidade, contradição, mediação e as leis da dialética.

Como método de conhecimento e apreensão da realidade, a dialética compreende o Homem na natureza e como ser histórico, como ser social pensante, ético e agente. Considera suas condições concretas de existência como ser social, político e cultural (Haguette, 1990).

Neste sentido, o conhecimento é sempre a busca da totalização, sendo que qualquer objeto que se possa perceber ou criar é sempre parte de um todo e, portanto, interligado a outros objetos, fatos ou problemas. Para que o Homem possa se apropriar da realidade, precisa buscar uma visão de conjunto, que mesmo sendo provisória, coloca a apreensão da realidade num movimento crescente que gera teses e antíteses, que por sua vez geram sínteses que geram outras teses e assim por diante. Trata-se de um processo de totalização que nunca alcança uma etapa definitiva e acabada.

É precisamente neste ponto que a dialética opõe-se à metafísica. A visão metafísica do mundo considera cada fato isoladamente, de modo fixo e estático. A dialética considera que a totalidade é sempre maior que a soma das partes, e que sua apropriação é sempre dinâmica. A totalidade é a estrutura significativa da realidade dada pela visão de conjunto, pela síntese que o sujeito faz de algo em determinado momento. Diz, então, de um sujeito ativo, que atribui sentidos subjetivos ao mundo a partir das sínteses que realiza.

Cada síntese é constituída de contradições e mediações concretas. Para que a apreensão e o conhecimento do real se aprofunde, é preciso ir além das aparências, além da dimensão imediata dos fenômenos. Um fato é sempre mediatizado por outros e por diversas ações humanas, tem sempre uma história e um contexto, uma dimensão mediata.

Para pensar a mediação, devemos considerar que os aspectos da realidade humana não podem ser compreendidos isoladamente. É preciso, então, observar a conexão existente entre eles e aquilo que eles não são, e que o maior só se define pelo o menor, o claro pelo escuro, o frio pelo quente, um não podendo definir-se e existir sem o outro. A contradição é reconhecida pela dialética como princípio básico do movimento pelo qual os seres existem.

Estamos falando da dialética como ciência, como método científico de investigação e apropriação da realidade. E como toda ciência, tal método pressupõe leis que, segundo Haguette (1990) resumem-se em quatro leis básicas:

1. Lei da conexão entre fenômenos: Compreende-se a natureza não como uma acumulação acidental de objetos, de fenômenos separados, isolados e independentes uns dos outros, mas como um todo unido, coerente, em que os objetos, os fenômenos estão ligados organicamente entre eles, dependem uns dos outros e condicionam-se reciprocamente (Stalin, conforme citado por Haguette, 1990).

2. Lei do movimento universal e do desenvolvimento incessante: Em uma concepção que se contrapõe ao pensamento aristotélico, a dialética olha a natureza não

como um estado de repouso e de imobilidade, de estagnação e de imutabilidade, mas como um estado de movimento e transformação contínuos, de renovação e desenvolvimento incessantes, em que sempre nasce e desenvolve-se qualquer coisa, desagrada-se e desaparece qualquer coisa.

3. Lei da passagem de quantidade à qualidade. O processo de desenvolvimento é resultado da passagem de mudanças quantitativas latentes e graduais a mudanças qualitativas evidentes, que se verificam por saltos.

4. Lei da interpenetração dos contrários: Os objetos e fenômenos da natureza encerram contradições internas. Todos eles têm um lado positivo e um lado negativo, um passado e um futuro. A luta desses contrários, entre o velho e o novo, o que morre e o que nasce, é o conteúdo interno do processo de desenvolvimento da conversão de mudanças quantitativas em mudanças qualitativas.

Se alguns estudiosos consideram a dialética como método científico, outros a consideram como consciência de classe e teoria de crítica social. Muitas vezes a Dialética é confundida ou reduzida à ideologia marxista: O Materialismo Histórico e Dialético. Para Marx, a realidade não poderia ser pensada de outra forma que não a de um homem em suas condições concretas de existência, e a condição central dessa existência para ele é o trabalho. A práxis é um conceito importante da filosofia marxista, pois designa uma relação dialética entre o homem e a natureza, na qual o homem, ao transformar a natureza com seu trabalho, transforma a si mesmo. A vida social é essencialmente prática, e sua filosofia assume um caráter político-ideológico, na medida em que preconiza que há sempre uma luta de classes, a alienação do homem que não detém mais o produto de seu trabalho e nem o significado deste. O produto do trabalho pertence ao Capitalista, e a superação do Capitalismo se daria por meio desta luta de classes, que resultaria no Socialismo. Nesta mesma direção, a dialética como Teoria Crítica consistirá na denúncia e negação de toda e qualquer forma de alienação do homem para além das relações sociais de dominação, a base ontológica da Teoria Crítica não é o proletariado, mas a essência humana negada e oprimida pelo capitalismo.

Após essa rápida revisão sobre o tema, e o que importa ressaltar é que o marxismo entrou em conflito e também passou e está passando por transformações para ajustar-se aos acontecimentos contemporâneos, permanecendo como lógica dominante, o sistema capitalista.

Haguette (1990) coloca que: “é conhecido na história do pensamento sobre a dialética um gradual processo de transformação do método de abordagem filosófica em método empírico de pesquisa” (p. 30). Ressalta que qualquer que seja o futuro dos dois paradigmas, ciência ou crítica, deve-se colocar a dialética na tradição de um método de abordagem filosófica, resguardando sua especificidade e validade.

Para este trabalho, em consonância com o esquema conceitual, referencial e operativo de Pichon-Rivière, é importante ressaltar que o termo *dialética* se refere tanto à natureza do ser humano quanto ao seu pensar. Traz, portanto, uma ambiguidade fundamental do humano: transcendência X contingência. A primeira consiste neste sistema aberto da condição humana, de sua característica de inacabamento dinâmico e transformação contínua. Tal transformação projeta-se na contingência, na mediação. O homem é sempre um sujeito histórico, socialmente datado e marcado. Assim, o homem transcende a si mesmo, vivenciando a transformação do sujeito humano na história e da história humana do sujeito. Ressalta-se que a dialética é o diálogo das coisas entre si, das coisas com o Homem, do Homem consigo mesmo e do Homem com o outro.

A DIALÉTICA NA OBRA DE ENRIQUE PICHON-RIVIÈRE

Pichon-Rivière, psicanalista suíço/argentino considerado um dos fundadores da Psicologia Social, construiu todo o seu pensamento e sua teoria a partir de uma visão dialética da realidade. Assim, seus construtos, conceitos e reflexões são permeados pela idéia de movimento e transformação contínua dos sujeitos, de seus vínculos e de seu modo de operar na realidade. O autor traz suas contribuições em relação ao processo de psicanálise e ao vínculo analista-analisando:

Podemos descrever a Psicanálise como um desenvolvimento, como uma situação viva estabelecida entre dois personagens: o analista e o paciente, entre os quais se estabelece uma relação em espiral, uma relação dialética em que aquilo que um sente o outro traduz, para que o outro volte a senti-lo, e o primeiro sinta-o novamente e o retraduz sob forma de interpretação, que se concretiza em função dos emergentes que aparecem no analista, que aproveita para investigar (Pichon-Rivière, 2000b, p. 84).

Sua maior contribuição, porém, situa-se no âmbito dos processos grupais, onde propõe um modo de compreender a estrutura e o funcionamento dos grupos, como também modos de intervenção objetivando instrumentalizá-los para a aprendizagem e para a transformação.

A teoria pichoniana é bastante rica e complexa, podendo ser abordada em diversos aspectos e dimensões. Para os propósitos deste trabalho, porém, optou-se por um recorte das idéias do autor no que se refere à sua compreensão dialética da realidade, ou seja, da dialética como sistema de conhecimento filosófico e científico, que além de ser pano de fundo, traduz-se em construtos de sua teoria. Pichon-Rivière fala, então, da dialética do sujeito e dos grupos.

Entre tais construtos encontram-se as contradições que Pichon-Rivière considera inerentes a todo grupo, resumindo-as em cinco pares contraditórios universais: (a) Velho X Novo; (b) Necessidade X Satisfação; (c) Explícito X Implícito; (d) Sujeito X Grupo; (e) Projeto X Resistência à mudança. Para o autor, todo grupo possui uma tarefa, sendo que a tarefa central do grupo é analisar sistematicamente as contradições, e para isto, analisa-se o aqui-e-agora no grupo, os fenômenos e interações, os processos de assunção e atribuição de papéis (Gayotto, 2002).

Todo sujeito humano é um ser de necessidades, e poderíamos dizer que toda motivação e ação humanas acontecem na busca de satisfação de tais necessidades, que quando satisfeitas geram outras necessidades e assim sucessivamente. Nesta busca contínua, o Homem tende ao desenvolvimento através da aprendizagem, deparando-se com o novo. Abandonar e despedir-se do velho e entrar em contato com o novo desconhecido sempre acarreta vivência de ansiedade. Se tal ansiedade é intensa, torna-se paralisadora e configura-se a resistência à mudança. Mas, se por outro lado, a ansiedade é elaborada ou amenizada, temos um salto de desenvolvimento em relação à realização do projeto.

O processo grupal, bem como o processo de aprendizagem, se dá por meio de um permanente movimento de estruturação, desestruturação e reestruturação, que pode ser representado por um cone invertido. Dentro deste cone pode-se representar o movimento que acontece entre o desejo de mudança, de entrar em contato com o novo e os medos e ansiedades que levam à resistência. Entre o que está explícito no grupo e o

que está implícito, seus conteúdos manifestos e latentes. Tal movimento acontece em idas e voltas no que Pichon-Rivière denominou *espiral dialética*.

É importante destacar que, por centrar-se na aprendizagem e na transformação, lidando com a dialética dos processos humanos e grupais, com resistências à mudança, rumo ao novo e ao projeto, a teoria e a técnica do Grupo Operativo tornam-se uma valiosa ferramenta conceitual e operacional para o trabalho com grupos nos mais variados contextos, como na área educacional, organizacional, da saúde e na pesquisa.

A TÉCNICA DO GRUPO OPERATIVO

Antes de discorrer sobre a técnica do Grupo Operativo de Pichon-Rivière, que envolve a leitura do grupo a partir de seu referencial teórico, como também uma configuração específica de papéis prescritos (coordenador, observador e integrantes) e um modo de desempenhar tais papéis, cabe aqui realizar uma importante diferenciação.

Atualmente, nas áreas de atuação do psicólogo, do assistente social, do enfermeiro e de outros profissionais que coordenam grupos, temos uma crescente utilização do termo *grupo operativo*, especialmente na área da saúde. Na maioria das vezes, o termo grupo operativo não indica o uso do referencial teórico-técnico de Pichon-Rivière, sendo utilizado para se contrapor ao grupo psicoterapêutico, se aproximando de grupos de psicoeducação ou grupos de aprendizagem. Essa divisão entre grupos operativos e grupos psicoterapêuticos não ocorre apenas na prática, mas também na literatura científica sobre grupos. Zimerman (1999) classifica os grupos exatamente nesses dois tipos: grupos psicoterapêuticos e grupos operativos. Para este autor, os grupos operativos sempre visam “operar” em uma determinada tarefa – a aprendizagem, e podem ser divididos em quatro subtipos: ensino-aprendizagem, institucionais, comunitários e terapêuticos. Já os grupos psicoterapêuticos seriam formas de psicoterapia grupal onde está presente uma meta terapêutica, como o alívio ou eliminação de sintomas, o desenvolvimento de comportamentos mais saudáveis, o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal. Zimerman (2007) ressalta que os grupos operativos também podem ser psicoterapêuticos, se a “cura” é o objetivo ou tarefa do grupo.

Nesta mesma direção, Fernandes (2003) mantém a ideia modificando os termos. O autor diferencia os grupos com finalidades operativas dos grupos com finalidades terapêuticas. Assim, os grupos operativos ou grupos com finalidades operativas não correspondem, na maioria das vezes, ao Grupo Operativo de Pichon-Rivière, guardando semelhanças no que diz respeito ao fato de serem direcionados, de modo geral e em diferentes contextos, para a aprendizagem, mas não utilizando preceitos teóricos e tampouco a técnica pichoniana.

Feita essa ressalva, retomamos a discussão sobre as potencialidades do Grupo Operativo de Pichon-Rivière como técnica de intervenção e estratégia de pesquisa. A técnica do Grupo Operativo é uma técnica não-diretiva, que transforma uma situação de grupo em um campo de investigação-ativa (Pichon-Rivière, 2000a). Para isso, o coordenador tem a função de facilitar a comunicação entre os integrantes, a fim de que o grupo seja operativo, isto é, que ultrapasse os obstáculos na resolução da tarefa. Segundo Van Acker (2008) e Esborgeo (2008) a técnica do grupo operativo se pauta na dimensão psicossocial do sujeito e de suas possibilidades de aprendizagem, sendo

utilizado como uma tecnologia no sentido de desenvolver no grupo a gestão do conhecimento, do pensamento crítico e de ações transformadoras.

Como técnica de intervenção, afina-se com os paradigmas atuais em saúde e educação, que colocam o sujeito no centro de seu processo de aprendizagem, como sujeito ativo e protagonista na produção de sua saúde, na construção do conhecimento e dos sentidos que dão significado à sua experiência humana.

Assim, as bases teóricas que fundamentam a técnica de Grupo Operativo possibilitam múltiplas ações em saúde, ensino, trabalho e especialmente, na pesquisa. Como estratégia de coleta de dados na investigação qualitativa, essa técnica (Pichon-Rivière, 2000a, 2000b) vem sendo utilizada em diversas pesquisas científicas contemporâneas, especialmente nas áreas de saúde e educação (Cardoso & Dall'Agnol, 2011; Cassol et al., 2012; Grando & Dall'agnol, 2010; Esbrogeo, 2008; Van Acker, 2008; Lucchese & Barros, 2007; Fortuna, Mishima, Matumoto, & Pereira, 2005).

A utilização de grupos como estratégia metodológica de pesquisa sempre faz parte de uma investigação ativa, podendo ter diversos objetivos, como o estudo do processo grupal, das transformações ocorridas nos vínculos do grupo ou na construção do conhecimento do grupo sobre determinado tema.

Nesta direção, Van Acker (2008) coloca que a técnica do Grupo Operativo tem o objetivo de favorecer o protagonismo do grupo na produção de seu referencial conceitual para ser operativo na realidade e aprender. Dessa maneira, o conhecimento e a aprendizagem gerados no grupo constituem o processo e o produto/ material sobre o qual o coordenador do grupo/pesquisador irá se debruçar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, entendemos que falar da obra de Pichon-Rivière é falar sobre dialética, pois como visto anteriormente, o autor construiu seu pensamento e suas teorias a partir de uma concepção dialética da realidade.

É possível concluir, também, que seu pensamento contém um posicionamento político-ideológico na medida em que concebe o ser humano como sujeito imerso numa realidade concreta, que pode transformá-la a partir de uma adaptação ativa, que envolve ação e criação. Seu conceito de adaptação não se relaciona à idéia de passividade, mas de ação humana orientada para a aprendizagem, para a mudança e para a transformação dessa mesma realidade, e é nesse sentido que o grupo irá instrumentalizar seus integrantes.

A Adaptação Ativa à Realidade (AAR) só pode acontecer na práxis das interações e da comunicação entre o eu e o outro, entre o indivíduo e o grupo, seja nas intervenções grupais, seja na construção do conhecimento por meio da pesquisa científica. Retoma-se, assim, o conceito original de Sócrates: a dialética como a arte do diálogo. Não pode haver transformação sem diálogo, sem interação, sem a troca, sem a palavra do outro construindo sentidos junto à minha, seja na mesma direção, seja em sentidos contraditórios, em um movimento permanente, dialético e em espiral.

REFERÊNCIAS

- Bornheim, G. A. (1977). *Dialética: Teoria e práxis: Ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da Dialética*. Porto Alegre: Globo.
- Cardoso, A. S., & Dall'Agnol, C. M. (2011). Processo grupal: Reflexões de uma equipe de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(6), 1412-1418.
- Cassol, P. B., Terra, M. G., Mostardeiro, S. C. T. S., Gonçalves, M. O., & Pinheiro, U. M. S. (2012). Tratamento em um grupo operativo em saúde: Percepção dos usuários de álcool e outras drogas. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33(1), 132-138.
- Esbrogeio, M. C. (2008). *Avaliação da Orientação Profissional em grupo: O papel da informação no desenvolvimento da maturidade para a escolha da carreira*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Fabris, F. (2009). Pichon-Rivière, irrupción y génesis de un pensamiento. *Revista Intersubjetivo de Psicoterapia Psicoanalítica y Salud*, 1(10), 11-28.
- Fernandes, W. J. (2003). A importância dos grupos hoje. *Revista SPAGESP*, 4(4), 83-91.
- Fortuna, C. M., Mishima, S. M., Matumoto, S., & Pereira, M. J. B. (2005). O trabalho de equipe no programa de saúde da família: reflexões a partir de conceitos do processo grupal e de grupos operativos. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(2), 262-268.
- Gayotto, M. L. C. (Org.) (2002). *Trabalho em grupo: Ferramenta para mudança*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Grando, M. K., & Dall'Agnol, C. M. (2010). Desafios do processo grupal em reuniões de equipe da estratégia saúde da família. *Escola Anna Nery*, 14(3), 504-510.
- Haguette, T. M. F. (Org.) (1990). *Dialética hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lucchese, R., & Barros, S. (2007). A utilização do grupo operativo como método de coleta de dados em pesquisa qualitativa. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 9(3), 796-805.
- Konder, L. (1998). *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense.
- Pichon-Rivière, E. (2000a). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, (Original publicado em 1983).
- Pichon-Rivière, E. (2000b). *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1982).
- Van Acker, M. T. V. (2008) *A reflexão e a prática docente: Considerações a partir de uma pesquisa-ação*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Zimmerman, D. E. (1999). Classificação geral dos grupos. In D. E. Zimmerman, & L. C. Osório, *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimmerman, D. E. (2007). A importância dos grupos na saúde, cultura e diversidade. *Vínculo*, 4(4), 1-16.

Sobre a autora

Thaís Thomé Seni Oliveira Pereira é psicóloga, mestre e doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

E-mail para correspondência com os autores: thseni@yahoo.com.br

Recebido: 22/01/2013
1ª revisão: 22/02/2013
Aceite final: 29/03/2013